

# Culturas agrícolas em movimento

## *Moving Crops*

<https://doi.org/10.26512/rhh.v12i25.56004>

Francesca Bray, Barbara Hahn, John Bosco Lourdusamy and Tiago Saraiva,  
*Moving Crops and the Scales of History* (Yale University Press, 2023), 338 pp.

**David Pretel**

Universidad Autónoma de Madrid  
<https://orcid.org/0000-0002-9095-6449>  
david.pretel@uam.es

**Resumo**

Resenha do livro “*Moving Crops and the Scales of History*”, de Bray, Lourdu-samy e Saraiva.

**Palavras-chave**

Culturas agrícolas, história global, espaços de cultivo

**Abstract**

Critical review of the book “*Moving Crops and the Scales of History*”, by Bray, Lourdusamy e Saraiva.

**Keywords**

Crops, Global history, croppaces

O estudo das culturas agrícolas tem chamado a atenção de historiadores e outros acadêmicos, como antropólogos, que vêm fornecendo ricas narrativas sobre a sua produção, comércio e consumo. A literatura existente é extensa, com algumas histórias de commodities se destacando como algumas das histórias globais mais conhecidas e conceituadas dos últimos anos. Relacionados a essas histórias, vimos avanços metodológicos e teóricos significativos, incluindo os conceitos de “cadeias de commodities” e “fronteiras de commodities”, e até mesmo a reconsideração da “segunda escravidão” na produção de açúcar, café e algodão nas Américas durante o século XIX.

*Moving Crops and the Scales of History* oferece não apenas uma fascinante história global, mas, mais importante, uma crítica historiográfica e uma nova abordagem metodológica. Ele se envolve profundamente com a literatura existente, fornecendo uma série de histórias de commodities intrigantes e inesperadas, assim como ferramentas para futuras pesquisas. Os autores dialogam principalmente com a produção acadêmica atual, propondo um novo arcabouço metodológico e conceitual crítico, que eles denominam de método do “espaço de cultivo” (cropspace). Esta abordagem visa transcender as linhas do tempo, regiões e escalas tradicionalmente utilizadas na história global. Segundo os autores, um “espaço de cultivo” é “um conjunto formado em torno de uma cultura: os elementos ou atores heterogêneos reunidos em um lugar e tempo específicos que fazem e cultivam essa cultura” (p. 4). Esta constelação de atores humanos e não-humanos que formam um “espaço de cultivo” são aqueles que permitem que as culturas cresçam e se movam. Nesse sentido, os autores enfatizam que as culturas estão material e institucionalmente enraizadas em lugares específicos e, portanto, a localidade deve ser levada tão a sério quanto as conexões e movimentos de longa distância.

O livro explora a história das culturas e seu movimento através de seis eixos principais: tempo, lugar, escala, atores, composições e reproduções. Os autores adotam uma abordagem comparativa, justapondo estudos de caso globais que revelam diferentes combinações desses eixos. Um dos pontos fortes do livro reside em sua impressionante consideração de uma ampla variedade de histórias de culturas em diferentes escalas temporais e geográficas. Entre os estudos de caso considerados estão as principais commodities globais, como arroz, trigo, chá, algodão e borracha, bem como culturas tipicamente estudadas por antropólogos e historiadores culturais, em vez de historiadores econômicos, como laranjas, tâmaras, calêndulas e inhames. Esta abordagem inovadora dá atenção significativa aos produtos destinados ao consumo local

e à subsistência. Esta diversa gama de casos torna a leitura envolvente, embora a rápida sucessão de histórias de commodities possa ocasionalmente parecer desconexa.

Cada um dos seis eixos do cultivo e movimento das culturas é abordado em um capítulo separado. O primeiro capítulo explora múltiplas escalas de tempo, periodização e as temporalidades das plantas e dos humanos. Usando os exemplos do arroz, cacau, tâmaras e milho, os autores demonstram que, embora os mundos natural e social tenham seus próprios ritmos, os humanos historicamente modificaram os ciclos das culturas através do transplante, aclimatação e criação. Neste capítulo, eles destacam histórias de commodities além de seus períodos de pico, abordando questões relacionadas à memória dos "espaços de cultivo", bem como a ressurreição e sobrevivência de culturas em escalas menores. Outra reflexão significativa sobre o tempo histórico é o desafio colocado às divisões habituais, como selvagem-domesticado, nômade-sedentário e moderno-pré-moderno. Essas divisões têm sido tradicionalmente usadas para contar histórias mundiais, mas suas fronteiras e temporalidades não são lineares.

O Capítulo 2 explora a "natureza da criação de lugares" (p. 59), destacando a importância de considerar seriamente o lugar no desenvolvimento de commodities globais e a persistência da agricultura de subsistência. Os autores habilmente mesclam narrativas macro-históricas de produtos agrícolas globais bem conhecidos, como cereais, com um foco particular em alimentos de subsistência relativamente menores, como os tubérculos. Notavelmente, eles introduzem o termo "para-commodities" como uma alternativa ao conceito de "anti-commodities", um termo cunhado por Sandip Hazareesingh e Harro Maat para capturar a diversidade de formas de produção local além dos mercados globais e seu valor como atos de resistência e reação. Ao enraizar culturas específicas em lugares pequenos e aparentemente isolados, ao mesmo tempo que abordam questões mais amplas, os autores efetivamente conectam a sociologia histórica e a história global (com sua ênfase em histórias conectadas e movimento) com a pesquisa antropológica sobre sociedades camponesas localizadas. Em suas palavras, eles examinam uma cultura "primeiro como um produto do lugar e depois como um conector de lugares" (p. 91). Este capítulo se destaca por seus estudos de caso surpreendentes e sua discussão sobre culturas semi-domesticadas, conforme proposto pela antropóloga Laura Rival, bem como os desafios de transplantar uma cultura para um novo ambiente, que frequentemente resultam em fracasso.

No Capítulo 3, os autores exploram a questão do tamanho e da escala das unidades de produção, demonstrando que, embora este seja um debate crucial, é em última análise contingente. O tamanho dos espaços de cultivo variou ao longo da história em resposta a valores tanto morais quanto materiais, apesar da crença prevalecente de que fazendas maiores são inerentemente mais eficientes e produtivas. Esta crença tem sido central, por exemplo, para a narrativa do surgimento dos cercamentos na Grã-Bretanha do século XVIII e suas conexões com o nascimento da Revolução Industrial, uma história que frequentemente compartilhamos com nossos alunos de forma acrítica. Para apoiar o argumento de que o tamanho e a escala da produção são de fato contingentes - e que muitas vezes há processos de redução da escala do cultivo - os autores examinam casos como o tabaco no Sul dos Estados Unidos, o café na Etiópia, o chá na Índia e o manejo da água na China.

O Capítulo 4 aborda como os "espaços de cultivo" são compostos por humanos e não-humanos, desafiando a tradicional dicotomia natureza-humano na história da agricultura. Baseando-se no trabalho de Bruno Latour, entre outros, os autores argumentam que não-humanos, como plantas e animais, funcionam como atores com poder, mas sem intencionalidade. Para explorar a agência desses atores não-humanos, eles examinam uma gama diversificada de casos, incluindo borracha, eucalipto, cinchona e até elefantes na expansão da Índia Britânica. Particularmente impressionante é o caso da produção de borracha selvagem na Amazônia brasileira durante o século XIX. As práticas de extração dos seringueiros na floresta se mostraram difíceis de controlar e padronizar para atender aos ritmos de produção exigidos pelas indústrias globais, como as que fabricavam pneumáticos. Ao mesmo tempo, a produção de commodities na Amazônia foi limitada pelos desafios ecológicos da transição da borracha selvagem para a cultivada, que repetidamente falhou devido a um fungo foliar. No entanto, esse foco no fracasso das plantações de borracha na Amazônia durante o século XIX não deve ofuscar a importância do trabalho, habilidades e conhecimentos dos seringueiros locais, bem como suas economias de subsistência e práticas de conservação.

O Capítulo 5 examina os "espaços de cultivo" como "composições" complexas, definindo-os como ecossistemas compostos por diversas culturas, plantas selvagens, árvores e trabalhadores. O objetivo deste capítulo é ir além do paradigma tradicional da *plantation* - que tende a simplificar e padronizar os ecossistemas - e, em vez disso, explorar a rica diversidade de relações entre sociedades e commodities em outros contextos de cultivo ou semi-cultivo. Os

autores abordam vários tópicos significativos na história da agricultura, incluindo a policultura (ou plantio consorciado), a rotação de culturas e o cultivo itinerante, com ênfase particular nos sistemas de coivara (corte e queima) de policultura. Embora tais métodos sejam frequentemente percebidos como arcaicos e de baixa produtividade, exemplos como a agricultura Milpa no México e na América Central demonstram alta produtividade e fornecem alimentos e recursos essenciais para as economias locais.

A dimensão final explorada pelos autores é a reprodução das plantas. No Capítulo 6, eles consideram o conhecimento e as tecnologias essenciais para a reprodução das culturas, incluindo seleção de sementes, recombinação, processamento e gestão de resíduos. Seu foco está nas tecnologias cotidianas, como coleta de sementes, fermentação, embalagem e adubação, em vez das inovações mecânicas ou biológicas que muitas vezes dominam as discussões historiográficas, particularmente entre os historiadores econômicos. O livro conclui com um breve epílogo, no qual os autores defendem uma nova abordagem para escrever histórias de culturas. Eles pedem um método que, ao revelar processos globais, esteja profundamente enraizado em histórias locais e evite uma narrativa estritamente linear.

O livro não é apenas provocativo e original, mas também verdadeiramente experimental, como os próprios autores reconhecem. Os quatro autores descrevem sua abordagem como uma de co-escrita experimental ao longo de todo o livro, em vez de cada um escrever capítulos separados. Lindamente escrito através de um esforço colaborativo, ele oferece uma leitura gratificante, embora sua densidade teórica possa torná-lo menos acessível a um público geral do que os autores gostariam.

Em suma, os autores apresentam um livro magnífico que servirá como um guia fundamental para escrever novas e mais ricas histórias de culturas, capturando como elas estão enraizadas em locais específicos e se movem através de diferentes lugares, conectando o local com o global e o pequeno com o grande. Este livro é leitura essencial para qualquer pessoa interessada em história agrícola, ambiental e tecnológica, bem como estudos de paisagem e história global e comparativa.

Tradução da resenha: Tiago Gil; Revisão: Leonardo Marques

**Recebido em 26 de agosto de 2024**  
**Aprovado em 27 de agosto de 2024**